UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IX
CURSO DE LICENCIATURAEM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ANA PAULA OLIVEIRA MAIA

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
Sob o olhar do Gestor e Professor

BARREIRAS-BA
2019

ANA PAULA OLIVEIRA MAIA

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
Sob o olhar do Gestor e Professor

Monografía apresentada à Universidade do Estado da Bahia como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador (a): Profª. MSc. Núbia da Silva

BARREIRAS-BA
2019

ANA PAULA OLIVEIRA MAIA

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: SOB O OLHAR DO GESTOR E PROFESSOR

Monografía apresentada à Universidade do Estado da Bahia como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovada em: 20 / 12 / 2019

Banca Examinadora:

Núbia da Silva

Profa. MSc. Núbia da Silva

Mestre em Biodiversidade pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB

Professora da universidade do Estado da Bahia- UNEB –*Campus* IX

Soraia Oliveira da Cunha Silva

Profa. MSc. Soraia Oliveira da Cunha

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí- UFPI

Professora da Universidade do Estado da Bahia

Elaine Cunha Morais do Rego

Elaine Cunha Morais do Rego

Mestre em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília-UNB

Professora da Universidade Federal do Oeste da Bahia

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

M217e Maia, Ana Paula Oliveira

Educação Sexual na Escola: Sob o olhar do Gestor e Professor / Ana Paula Oliveira Maia.-- Barreiras, 2019.
43 fls.

Orientador(a): Núbia Da Silva.
Inclui Referências
TCC (Graduação - Ciências Biológicas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Câmpus IX. 2019.

1.Sexualidade. 2.Adolescência. 3.Formação Continuada.

CDD: 370

Dedico esta monografía primeiramente a DEUS, minha família, orientadora, e principalmente para minha mãe por ter me dado todo o apoio necessário para que eu chegasse aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Aos meus pais e meus irmãos, por todo o apoio nesse processo de formação, principalmente a minha mãe, Aguimailde dos Santos Oliveira, que sempre se dedicou para que eu pudesse concluir a minha graduação, por todo seu incentivo e esforço proporcionado durante essa caminhada.

A Elce Alves Rocha que sempre esteve me incentivando a estudar. A meu namorado, Umberto Pereira Bastos Júnior que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades.

Agradeço também a Universidade do Estado da Bahia, *Campus* IX e a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial minha orientadora Núbia da Silva, responsável pela realização deste trabalho.

A turma 2015.1, pelo companheirismo e a amizade construída durante esses anos na graduação, em especial a Weslane Silva Noronha que sempre esteve me apoiando.

RESUMO

A Educação Sexual (ES) no ambiente escolar deve ser um processo calculado e articulado, que pretenda propiciar aos adolescentes um desenvolvimento que inclua conhecimento, questionamento e reflexão. Nesse sentindo, o presente trabalho tem como objetivo de analisar o nível de envolvimento das escolas na pessoa de gestores e professores no que diz respeito à Educação Sexual, bem como identificar as principais dificuldades enfrentadas por professores do ensino fundamental II e médio com relação à temática. Para isso, foram realizadas entrevistas a gestores e aplicado questionários aos professores das escolas municipais e estaduais da cidade de Barreiras-BA. A análise dos dados permitiu identificar um conhecimento superficial dos pesquisados e pouco envolvimento com a temática, o que reflete num desconhecimento e muitas vezes na dificuldade de lidar com o assunto em função da falta de formação continuada e de um trabalho efetivo entre setor de saúde e educação.

Palavras-chave: Sexualidade; Adolescência; Formação Continuada.

ABSTRACT

Sexual education (ES) in the school environment should be a calculated and articulated process that aims to provide adolescents with a development that includes knowledge, questioning and reflection. In this sense, the present work aims to analyze the level of involvement of schools in the person of managers and teachers with regard to Sex Education, as well as identify the main difficulties faced by teachers of elementary and high school in relation to the theme. . For this, interviews were conducted with managers and questionnaires were applied to teachers of municipal and state schools in the city of Barreiras-BA. The data analysis allowed us to identify a superficial knowledge of the respondents and little involvement with the theme, which reflects a lack of knowledge and often the difficulty of dealing with the subject due to the lack of continuing education and effective work between the health sector and the health sector Education.

Keywords: Sexuality; Adolescence; Continuing Formation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 REVISÃO DE LITERATURA 11
2.1 Educação Sexual e Sexualidade 11
2.2 Sexualidade no ambiente familiar 12
2.3 Educação Sexual no contexto escolar 13
2.4 O papel do professor na Educação Sexual 15
2.5 Educação Sexual e Formação Acadêmica 16
3 METODOLOGIA 18
3.1 Caracterização da área de estudo 18
3.2 Coletas de dados acerca da Educação Sexual 18
3.2.1 Coleta de dados com os gestores 18
3.2.2 Coleta de dados com os professores 19
3.2 Análises dos dados 19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 20
4.1 Visão dos Gestores sobre Educação Sexual 20
4.2 Visão dos professores sobre a Educação Sexual 23
5 CONCLUSÃO 29
REFERÊNCIAS 30
APÊNDICES 33
Apêndice I 33
Apêndice II 35
ANEXOS 37
Anexo I 37
Anexo II 38
Anexo III 39

1 INTRODUÇÃO

A Educação Sexual (ES) é uma forma de atender às inquietações dos adolescentes em relação ao processo de desenvolvimento da sexualidade. Partindo dessa ideia, surgiram inquietações ao longo da trajetória enquanto estudante do curso de licenciatura em ciências biológicas, uma vez que não há uma abordagem sobre a Educação Sexual na grade curricular.

Além disso, segundo os parâmetros curriculares nacionais (PCN's) a ES deve ser trabalhada nas escolas, sobretudo de forma interdisciplinar. No entanto, em virtude da ausência de se discutir sobre o assunto tanto no ensino superior, quanto no básico, é que percebe-se uma dificuldade de lidar com o tema nos espaços educacionais, o que não deveria existir e que cursos de formação continuada para auxiliar o professor ainda são bastante raros.

De acordo Maia *et al*. (2011), os temas relacionados à ES são tratados como algo incerto, que devem ser evitados, isso porque ainda existem pais e educadores que acreditam que essa abordagem pode estimular precocemente a sexualidade de crianças e adolescentes.

Diariamente, crianças e adolescentes são bombardeados com inúmeras informações, sobretudo relacionadas ao sexo e sexualidade, fatos este, que os levam a ter dúvidas, e em alguns casos sentem vergonha em falar sobre o tema, e de expor suas inquietações, isso muitas vezes é um reflexo do seu contexto familiar, das limitações, fragilidades e tabus vivenciados desde a infância.

Nesse sentido, é importante que a família faça uma abordagem sobre a Educação Sexual em casa, na qual, sejam passados valores que ajudem seus filhos a construir sua própria identidade durante o processo de desenvolvimento da sexualidade (BRASIL, 1998).

No que tange aos estabelecimentos de ensino, a Educação Sexual deve ser um processo calculado e articulado, que pretenda propiciar aos adolescentes um desenvolvimento que incluía conhecimento, questionamento, reflexão, a concepção de uma cidadania atuante, instrumentos que possam contribuir com o combate à homofobia e discriminação de gênero.

Sendo assim, a escola assume um papel, complementar ao trabalho iniciado pela família, seja desenvolvendo projeto em Educação Sexual, debatendo inúmeros

valores relacionados à sexualidade, bem como, contribuindo com o desenvolvimento de uma identidade própria (MAIA; RIBEIRO, 2011).

A temática ES ainda é considerada um tabu, sobretudo quando se é colocado como proposta para ser abordada no ensino de maneira interdisciplinar. São muitos os entraves que dificultam o seu desenvolvimento, seja pela falta de recursos didáticos, formação continuada, ou até mesmo pelos princípios dos educadores.

No entanto, aos poucos essa abordagem vem ganhando mais espaço e se coloca como tema de relevância tendo em vista os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nesse sentindo, o professor pode trabalhar o referido tema de maneira coerente, levando os alunos a um autoconhecimento, bem como a compreensão de seus próprios limites (BEZERRA *et al.,* 2018).

No entanto, ainda existem docentes que ao longo de sua carreira profissional não conseguem avançar em determinados temas propostos, e são vários os fatores que os limitam nesse sentido, tais como, falta de domínio do tema, seus valores e suas condutas resistentes que são construídas no seu dia-a-dia (GONÇALVES *et al.,* 2015).

Os docentes devem criar espaços para o diálogo sobre o tema, principalmente quando se fala sobre métodos contraceptivos, violência sexual, preconceito, masculinidade, e tanto outros conteúdos que despertam curiosidade, e sem dúvidas, trabalhar o corpo humano de maneira cautelosa, associada ao nível de conhecimento da turma.

É necessário que a ES seja trabalhada no ambiente escolar, visto que a sexualidade de crianças e adolescentes está presente em todas as etapas da vida, necessitando assim de informações a respeito do próprio corpo e a promoção de uma vivência saudável da sexualidade.

O papel do professor sem dúvidas é fazer a integração da ES na vida escolar, estabelecendo uma relação de respeito e confiança com seus alunos, na qual sejam discutidos os valores, as crenças e a pluralidade de concepções sobre sexualidade (BRASIL, 1998).

Nesse sentindo, o presente estudo teve como objetivo analisar o nível de envolvimento das escolas na pessoa de gestores e professores no que diz respeito à Educação Sexual, bem como identificar as principais dificuldades enfrentadas por professores do Ensino Fundamental II e Médio com relação à temática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Sexual e Sexualidade

A Educação Sexual (ES) tem como desafio auxiliar os adolescentes a expressarem suas inquietações e desenvolver posicionamentos saudáveis em relação à sexualidade (GONÇALVES *et al.,* 2013). Como destaca Bezerra *et al.* (2018), a ES apresenta o direito que toda pessoa tem em adquirir informações sobre seu corpo, relacionamento sexual, bem como ao direito de expor suas dúvidas, aprender a refletir e debater para formar suas opiniões e valores relacionados ao sexo, como também demonstrar seus sentimentos e tabus ligados à sexualidade.

Essa temática deve compreender um controle cognitivo, afetivo e comportamental dos adolescentes é um processo contínuo que repassa informações, ajuda no desenvolvimento das responsabilidades e atitudes ligadas com a sexualidade do ser humano, promovendo bons comportamentos (MATOS *et al.,* 2014; RAMIRO *et al.,* 2011).

> Em 1980, houve um aumento na abordagem da ES nas instituições de ensino, no entanto, isso aconteceu devido à chegada da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), outro aspecto que também influenciou para o diálogo sobre esse tema foi a mudança de comportamento dos jovens que por falta de conhecimento, não tinham uma prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis, além disso, ocorreu um aumento significativo no número de adolescentes grávidas. Todos esses fatores influenciaram para que profissionais da saúde e educação começassem a pensar em como poderiam ajudar os adolescente a se prevenirem contra AIDS e lidarem com o processo de desenvolvimento da sexualidade (RUFINO *et al.,* 2013).

Atualmente os adolescentes já têm acesso as informações de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e prevenção de gravidez, mas o diálogo sobre sexualidade entre professores e alunos ainda é muito limitado, pois esse tema ainda é estudado apenas como algo biológico ou natural, limitando-se somente as finalidades reprodutivas. O professor ao trabalhar sexualidade deve também levar em consideração as experiências, histórias e culturas dos adolescentes, não se limitando apenas a uma forma de viver e expressar seus pensamentos, mas mostrando aos jovens que a sexualidade deve ser vivida no sentindo amplo de suas existências*,* ou seja, hormônios, órgãos, corpos, prazeres, anseios, desejos,

comportamentos, contexto sociocultural, são elementos essências para constituir a sexualidade (SILVA, 2014).

As variadas áreas de conhecimento que são aplicadas no ambiente escolar devem estar atentas para ES e os temas que a compõe. No entanto, tanto a gestão escolar quanto os professores precisam de embasamento teórico e didático para lidar com as necessidades dos alunos, auxiliando também na construção de atitudes e valores que facilitarão uma visão crítica e reflexiva dos estudantes sobre as identidades de gênero e sexualidade, além de criar um caráter emancipatório, que promova comportamentos qualitativos durante o processo educacional que acontece com regularidade nas relações sociais, possibilitando a reconstrução de um saber extenso e universal com relação á autonomia sexual das pessoas (QUIRINO; ROCHA, 2012; SILVA, 2016).

2.2 Sexualidade no ambiente familiar

De acordo com Gonçalves *et al.* (2013), a sexualidade ainda é considerada muito complexa para se manter uma discussão no cenário brasileiro, no qual, o preconceito em relação a esse tema deixa crianças e adolescentes retraídos em dialogar seus questionamentos em relação a essa temática. Provavelmente a maior dificuldade dos pais em conversar sobre sexualidade está ligada ao fato de que a sociedade relaciona a Educação Sexual como algo obsceno, sujo e proibido, quando a conversa é sobre sexo e sexualidade, as pessoas remetem valores e crenças transformados em tabus e preconceitos (MOIZÉS; BUENO, 2010).

A falta de comunicação adequada entre pais e filhos sobre sexo e sexualidade, é alarmante, visto que isso pode colaborar para o não entendimento e aceitação dos adolescentes em relação a sua sexualidade, pois os mesmos se apoiam nas primeiras relações afetivas que tem com a família. O diálogo entre pais e filhos influência no comportamento dos jovens com assuntos relacionados com a ES, a falta de diálogo pode desencadear conflitos com a família, e isso acontece pelo fato dos pais não estarem prontos para abordar tal temática (COSTA *et al.,* 2014).

Conforme um estudo realizado por Simões *et al.* (2019), a resistência dos pais em manter um diálogo sobre a ES, está relacionada com fato dos mesmos terem um conhecimento restrito sobre a temática, pois durante a conversa com seus filhos apenas os temas: gravidez na Adolescência e infecções sexualmente transmissíveis

(IST) são colocados em pauta. Ainda de acordo com o autor, o nível de escolaridade e a religião dos pais são aspectos que mais influencia na hora de orientar, quanto maior o nível de escolaridade dos pais, maior será o domínio sobre a temática. Sendo assim, a sexualidade é um assunto muito delicado, por vezes difícil de ser discutido na realidade de muitas famílias ainda hoje.

Em virtude disso, o que acontece é que na maioria das vezes, as famílias preferem transferir essa responsabilidade para a escola, ao invés de se informarem a respeito do tema, para que assim venham manter um diálogo saudável com seus filhos (NOTHAFT *et al.,* 2014).

A família é a base ideal para a formação dos adolescentes, por ser o meio transmissor dos valores que são necessários para o convívio em sociedade. No entanto, isso vai depender do perfil de cada família, seus princípios éticos, morais, religiosos e, sobretudo condutas voltadas para a sexualidade do indivíduo (NERY *et al.,* 2015).

2.3 Educação Sexual no contexto escolar

As escolas são ambientes favoráveis para os adolescentes fazerem seus questionamentos e tirarem dúvidas relacionadas à sexualidade, além de ser um espaço propício ao estabelecimento de uma educação preventiva para os adolescentes, sobretudo quando se trata de uma construção coletiva de percepções sobre a diversidade (MOIZÉS; BUENO, 2010).

As instituições de ensino ao definirem a Educação Sexual como uma de suas competências precisam adicionar essa temática ao seu projeto educativo, implicando num desenvolvimento de princípios que nortearão o trabalho da temática no ambiente escolar (BRASIL, 1998).

No entanto, o documento mais atual do governo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que foi aprovado em 2017 pelo Plano Nacional de Educação (PNE), traz uma proposta totalmente diferente do PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Enquanto, o PCN mostra que a ES deve ser trabalhada desde o ensino infantil, sendo adaptada para cada nível de ensino, a BNCC retirou do documento os termos “Orientação Sexual” e “Gênero” e a abordagem dos temas relacionados com a Educação Sexual nas séries iniciais. Essa alteração feita de um documento para outro, representa um retrocesso na Educação Brasileira, podendo deixar as escolas

ainda mais sem interesse em trabalhar essa temática (FERNANDES; LORENZETTI, 2019).

De acordo com os estudos de Altmann (2013), a sexualidade dos adolescentes não é reconhecida pela escola, deixando os alunos sem informações sobre o tema, o que pode está diretamente relacionado a diminuição no uso de preservativo e métodos contraceptivos pelos jovens.

Este fato, pode ser verificado nos estudos de Holanda *et al.* (2010), e Nothaft *et al.* (2014), nos quais foi possível constatar que a sexualidade ainda é trabalhada de maneira limitada, em que a promoção a saúde é o enfoque principal, deixando de lado as necessidades pessoais e inquietações dos alunos.

Fazer uma abordagem sobre sexualidade vai além de divulgar verdades absolutas, abordar esse tema provoca nos adolescentes uma necessidade de abrir um diálogo entre professores e alunos possibilitando uma troca de ideias e percepções, além de facilitar a construção, valorização e aceitação da diversidade (MARIN, 2019).

Conforme um estudo realizado por Pocahy e Dornelles (2019), os professores revelam que a mídia é o fator que influência o preconceito com relação aos temas sexualidade e gênero, no entanto, a escola que deveria ser um espaço em que a diversidade deveria ser aceita, continua mantendo esse preconceito, isso acontece devido uma ausência na formação ou preparo dos docentes e uma união entre ambiente escolar com a família para que temas como esses sejam tratados como algo natural e do cotidiano.

Segundo Costa e Silva (2017), a sexualidade está inserida no campo de debate das escolas, no entanto, quando esse tema entra na escola, não promove diálogos que possam apresentar uma diversidade de formas diferentes de se expressar e de habitar no mundo, mas acaba vinculando-se a disciplinas que tem como objetivo expressar apenas as explicações anatômicas e fisiológicas do corpo. Nesse sentido, se faz necessário que a escola reconheça que a abordagem do tema não deve se restringir apenas aos aspectos anatômicos e biológicos do corpo humano (GONÇALVES *et al.,* 2013).

É conveniente que haja uma aproximação dos setores de saúde com a educação, tendo em vista, a valorização da Educação Sexual nas instituições de ensino, oferecendo aos adolescentes um ambiente no qual poderão dialogar

espontaneamente e fazer seus questionamentos e reflexões (HOLANDA *et al.,* 2010).

Entretanto, quando existe o contato das instituições de ensino com a secretaria de saúde, o tema geralmente é trabalhado de maneira a promover a sensibilização dos adolescentes sobre os meios de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e de evitar uma gravidez indesejada, deixando de lado os possíveis questionamentos que os jovens sentem em relação a sua sexualidade (NASCIMENTO *et al.,* 2011).

2.4 O papel do professor na Educação Sexual

O papel do professor sem dúvidas é manter um diálogo sobre as construções sociais, culturais, políticas e educacionais da sexualidade dos adolescentes, pois isso remete ao exercício da cidadania. No entanto, o tema comumente é destinado apenas aos professores da área de Ciências e Biologia, com a justificativa que esses educadores têm mais habilidades e formação para trabalhar os conteúdos propostos (HOLANDA *et al.,* 2010).

Esse fato pode ser evidenciado em um estudo realizado por Matos *et al.* (2014), que avaliou a implementação da ES em escolas de Portugal, os quais observaram que as disciplinas de Ciências e Biologia são as áreas que abordam com frequência temas relacionados com a ES na Educação Básica, no entanto, essa abordagem é feita de maneira restrita.

Qualquer professor independente da área pode trabalhar assuntos que envolvam a ES, desde que ele seja capacitado para tal. Construindo assim, uma postura consciente e profissional no diálogo em sala de aula. Além disso, é necessário identificar suas próprias dificuldades diante da temática, para que assim, possa auxiliar no processo de desenvolvimento da sexualidade dos alunos (BRASIL, 1998).

Como destaca Oliveira *et al.* (2013), os docentes ainda sentem dificuldade para dialogar sobre a sexualidade e a principal dificuldade é a falta de preparo na abordagem e problematização do tema envolvendo aspectos sociais, culturais e éticos.

Conforme o estudo de Sá-Silva e Silva (2018), para muitos professores temas relacionados com a ES são bem complexos para se manter um diálogo, diante

disso, acabam optando por não manter uma discussão em sala de aula sobre sexo, sexualidade, gênero, violência sexual, entre outros temas.

Este fato pode está ligado à dificuldade dos docentes em aceitar a diversidade e de manter uma abertura para transformação (ROHDEN, 2013). Trabalhar a sexualidade requer do professor preparação para atender as inquietações e valores dos alunos, precisa também lidar com os tabus e preconceitos que essa temática se insere.

Segundo Costa e Villani (2018), discutir sexualidade implica em estimular debates com a população, pois ela faz parte do ciclo vital, seja no sentido biológico ou para compor a história dos adolescentes nas diferentes culturas.

Durante a graduação, são poucas e raras as informações repassadas aos Licenciandos sobre Educação Sexual, como trabalhar o assunto em sala de aula, entre outros aspectos, e isso potencializa ainda mais a dificuldade em lidar com o tema ao se deparar com a prática docente no futuro, isso, portanto passa a refletir no campo profissional, sobretudo na formação dos estudantes da Educação Básica (OLIVEIRA *et al.,* 2013).

De acordo com um estudo feito por Fernandes e Lorenzetti (2019), cresceu o interesse pela Educação Sexual, todavia são escassos os trabalhos que tem como objetivo averiguar a prática pedagógica e a mudança no currículo. A maior parte das pesquisas tem o propósito de avaliar a formação dos educadores e pesquisar as concepções deste sobre a temática, isso acontece pelo fato da ES ser considerada pela comunidade escolar apenas um conteúdo da Biologia, que pode ser ou não trabalhado em sala de aula.

2.5 Educação Sexual e Formação Acadêmica

A frequente dificuldade dos professores em fazer uma abordagem dos temas relacionados ES está ligada a falta de diálogo dentro do ambiente universitário, faz-se necessário abrir um espaço para que assim ocorra uma interação entre os alunos dos cursos de licenciatura com o intuito de abrir uma discussão sobre a temática, principalmente no que diz a respeito a gênero, sexualidade e suas múltiplas dimensões, levando em consideração suas questões históricas, sociais e, sobretudo culturais (QUIRINO; ROCHA, 2012).

Diante das dificuldades enfrentadas pelos professores para trabalhar a Educação Sexual, é conveniente que os cursos de licenciatura tenham disciplinas

cujo conteúdo contemple eixos como, sexualidade, gênero, abuso sexual, entre outros que estão diretamente ligados ao desenvolvimento de uma identidade própria de crianças e adolescentes (ROSSAROLLA *et al.,* 2018).

A Educação Sexual ainda é considerada complexa para muitos professores, se essa temática for trabalhada durante a formação docente, facilitará para que os mesmos tenham mais segurança ao dialogar, além de conseguirem separar suas convicções pessoais de seu papel como professor formador de cidadãos que respeitam a diversidade (ROHDEN, 2013; ROSSAROLLA *et al.,* 2018).

Nesse sentindo, de acordo com a RESOLUÇÃO DE 1° DE JULHO DE 2015, em vigor desde 2017, os cursos de Licenciaturas devem abordar em suas matrizes curriculares conteúdo que estão relacionados com os fundamentos da educação, tais conteúdos devem abordar temas como de gênero e sexual (BRASIL, 2015).

No entanto, apesar de já está em vigor essa resolução, ainda é bastante restrita abordagem de temas como Gênero e Sexualidade dentro das universidades, é por este fato que os educadores ficam limitados para trabalharem em sala de aula todos os temas que estão associados à Educação Sexual (ARAÚJO; DEVIDE, 2019).

Conforme o estudo realizado por Altmann (2013), os cursos de Licenciaturas não enfatizam temas como Gênero, Sexualidade e a Diversidade sexual, isso se dá devido ao perfil tradicional dos cursos superiores que impede a modificação do currículo. Deixando assim, os futuros docentes sem conhecimento a respeito da Educação Sexual.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da área de estudo

Esta pesquisa, foi desenvolvida no município de Barreiras-BA que fica no extremo Oeste da Bahia, à margem esquerda do Rio São Francisco, na região dos Chapadões do Rio Grande. A sede do município fica a uma altitude de 430m, próxima a confluência do Rio de Ondas com o Rio Grande, no vale entre as Serra da Bandeira e do Mimo. Distanciando-se cerca de 860 km de Salvador, capital do estado baiano e 610 km de Brasília, capital nacional. Com coordenadas geográfica 12° 09’ 10” S 44° 59' 24" O , e área total de 7.859,225 km² , sua população é estimada em aproximadamente 157.638 habitantes (IBGE, 2017).

Os dados foram coletados em quatro escolas públicas, sendo duas do Ensino Fundamental II e duas do Ensino Médio da cidade de Barreiras-BA. Em ambas as escolas estão inserida a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tais instituições foram escolhidas em função da acessibilidade e aceitabilidade em contribuir com o trabalho. Por questões éticas o nome das escolas não foram divulgados.

O número de professores nessas instituições de ensino varia entre 13 a 25, com uma média de 365 a 1019 estudantes. Participaram da pesquisa quatro gestores e quarenta professores. No entanto, a fim de preservar o anonimato dos participantes, os gestores foram identificados como G1(correspondente a escola 1 e assim sucessivamente para os demais), sendo G1 e G2 escolas do Ensino Médio, G3 e G4 do Ensino Fundamental.

3.2 Coletas de dados acerca da Educação Sexual

3.2.1 Coleta de dados com os gestores

Participaram da pesquisa quatro gestores, os quais atuam na função entre dois meses a três anos, sendo formados nas seguintes áreas, Letras e Língua Estrangeira Inglês (G1), Pedagogia (G2), Pedagogia e História (G3), Letras Vernácula (G4).

No inicio do mês de abril do corrente ano (2019), foi realizada uma visita para apresentar a proposta da pesquisa às escolas (gestores e professores), bem como solicitar em caso de aceite, que assinassem o termo de consentimento e a carta convite (Anexos I, II e III), assumindo o compromisso em contribuir com o trabalho,

deixando claro aos participantes que as informações são sigilosas e não compromete a escola, nem os sujeitos envolvidos. Após o aceite, foi marcada uma próxima visita para a coleta de dados com os gestores de cada instituição.

Para obtenção dos dados, utilizou-se entrevista semiestruturada com doze perguntas específicas relacionadas à preocupação da escola com os temas ligados à Educação Sexual, como a temática está inserida na escola; se está incluso no Projeto Político Pedagógico (PPP), se os educadores desenvolvem algum projeto relacionado à temática, quais as dificuldades enfrentadas, entre outras perguntas (Apêndice I).

3.2.2 Coleta de dados com os professores

Participaram da pesquisa quarenta professores, os quais apresentaram entre 22 a 61 anos de idade, cujo tempo de profissão na instituição variou de um mês a trinta e dois anos. Foi aplicado um questionário semiestruturado para os professores preencherem, livremente, contendo quinze perguntas, o qual tratava de como trabalham a Educação Sexual, suas opiniões a respeito do assunto, e se obtiveram alguma formação específica para lecionar o tema, entre outros questionamentos (Apêndice II).

Para que todos os professores pudessem ter acesso a pesquisa, as escolas recebiam visita da pesquisadora durante duas semanas nos encontros de planejamentos dos professores que ocorriam nas terças, quartas e quintas-feiras, cada dia com um grupo diferente de professores. Totalizando assim, dois meses para a coleta de dados com os professores.

3.2 Análise dos dados

As entrevistas com os gestores e os questionários com os professores foram analisados separadamente para uma melhor identificação e tratamento dos dados. Esta pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que visa extrair dos sujeitos, seus pensamentos, que foram livremente ditos sobre o tema, objeto ou conceito. E quantitativo, pois se utiliza da quantificação das informações sendo representada por meio de gráficos, utilizando o programa Excel versão, 2010.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Visão dos Gestores sobre Educação Sexual

Participaram da pesquisa quatro gestores, os quais atuam na função entre dois meses a três anos, sendo formados nas seguintes áreas, Letras e Língua Estrangeira Inglês (G1), Pedagogia (G2), Pedagogia e História (G3), Letras Vernácula (G4). Quando questionados se a temática ES já foi ou está sendo trabalhado na escola, os gestores deram as seguintes respostas:

G1. *"Não está sendo trabalhada e não foi trabalhada".*

G2. *"Já foi trabalhada, a temática foi inserida no currículo sendo trabalhada através de palestras."*

G3. *"Já foi trabalhada dentro da disciplina de Ciências".*

G4. *"Já foi trabalhada nas aulas de Biologia e na Feira de Ciências".*

De acordo com as falas, foi possível perceber que apenas em uma das escolas a ES não foi e nem está sendo trabalhada, já nas outras escolas a temática foi trabalhada, no entanto, apenas como palestra e dentro das disciplinas de Ciências e Biologia.

Nesse sentido, Moisés e Bueno (2010), argumentam que o trabalho com a ES desenvolvido com crianças e adolescentes deve ocorrer interdisciplinar sendo continuo e permanente, no qual todo o corpo docente esteja envolvido para que assim, as informações e as atitudes individuais e coletivas que essa temática acarreta possam ser discutidas de maneira apropriada.

De acordo com a entrevista, foi possível perceber que as instituições possuem PPP (Projeto Político Pedagógico), no entanto não apresentam projetos voltados a ES, embora a temática tenha sido prevista para ser trabalhada a partir de palestras, oficinas e debates, porém até o primeiro semestre de 2019 essa proposta não tinha sido colocada em prática.

Sobre este fato, Gonçalves *et al.* (2015), ressaltam que a ES só é assumida formalmente nas escolas quando estas resolvem desenvolver projetos para trabalhar a temática de maneira interdisciplinar e contínua, convidam profissionais para proferir palestras ou desenvolverem programas na área da Educação Sexual.

Ainda referente às limitações encontradas nas escolas sobre abordagem do assunto, o quadro 1 expõe as opiniões dos gestores, os quais mostraram que tem conhecimento e entendem que é necessário trabalhar a sexualidade em todos os

níveis de ensino, apesar da dificuldade de ambas as escolas em inserir o tema no curriculo com o intuito de aceitar todas as barreiras que surgem durante sua abordagem.

Este resultado, também foi encontrado na pesquisa feito por Costa *et al.* (2018), que constatou que gestores e professores tem conciência que a escola deve ser uma instituição totalmente envolvida no processo de desenvolvimento do aluno, mas o grande desafio é trabalhar a sexualidade de maneira a assumir os embates e tabus que esse assunto provoca.

Quadro 1. Pensamento dos Gestores sobre a sexualidade e os níveis de ensino que se deve trabalhar o tema.

G1. *"A sexualidade é uma quebra de tabu que está conseguindo seu espaço, deve ser trabalhada desde o ensino fundamental'.*
G2. *"A sexualidade faz parte do ciclo de vida, sendo como algo natural. Deve ser trabalhada desde as series iniciais".*
G3. *"A sexualidade deve ser trabalhada com orientações, deve ser trabalhada desde o ensino fundamental até o ensino médio, sendo adaptada para cada nível de ensino".*
G4. *"A sexualidade continua sendo um tabu por causa das desconstruções ideológicas, deve ser trabalhada desde a educação infantil".*

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2019).

Em relação à contribuição das escolas na prevenção de problemas graves, como abuso sexual e a gravidez indesejada, os gestores responderam que através de debates, palestras e campanhas de prevenção, tentam de alguma forma discutir sobre essas questões mais emergenciais. O gestor G3, ainda citou um caso de abuso sexual, que um aluno da instituição sofreu, no qual, a escola deu todo apoio necessário, entrando em contato com os orgãos responsáveis em lidar com esse tipo de problema e disponibilizando acompanhamento psicológico para o aluno.

Embora todo cenário desafiante enfrentado pelas escolas, destacando o preconceito existente a cerca da Educação Sexual, e quando envolve aspectos mais graves como violência sexual, uma pequena parcela de crianças e adolescentes ainda conseguem dialogar, devido ao vínculo criado entre aluno e professor, o que facilita um pedido de ajuda quando necessário (Souza; Andrade, 2019). Nesse

sentido, de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) é um dever de todos, tanto das famílias quanto das escolas assegurarem pela dignidade da criança e do adolescente, deixando-os a salvo de qualquer tratamento desumano e violento.

Estudos vem mostrando que, a escola tem um papel fundamental em orientar professores, para que os mesmos possam desenvolver ações preventivas em relação a situações de violência sexual, como é o caso do estudo realizado por Figueiredo *et al.* (2013), o qual relata um treinamento feito pela secretaria de saúde de São Paulo para 180 diretores e vice-diretores de 86 escolas de Diadema, cujo o objetivo era passar as informações necessárias para que as escolas pudessem trabalhar o tema violência sexual, medidas de prevenções e proteção da saúde física e psicológica com seus alunos.

Conforme a entrevista com os gestores foi possível perceber que, as escolas auxiliam os professores mantendo uma parceria com a secretária de saúde, esta por sua vez, auxilia o treinamento por meio de oficinas, palestras e debates relacionados à Educação Sexual, no entanto, essa capacitação é feita superficialmente, dando maior ênfase as infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, o que nos leva a constatar a superficialidade de uma temática que requer uma abordagem mais contextualizada, o que não foi percebido neste estudo.

É extremamente importante que os docentes tenham uma formação continuada para dialogar de maneira mais segura sobre este assunto, e isso pode ser comprovado em estudo feito por Matos *et al.* (2014), os quais relataram que nas escolas de Portugal, os professores precisam ter vinte e cinco horas anuais de formação contínua em ES, além disso, essa temática teve 98,6% de êxito em sua implementação nas instituições de ensino.

Tal fato, foi possível perceber a necessidade de programas que visem capacitar estes profissionais da educação para abordagem da ES nas escolas Brasileiras.

Em relação ao envolvimento da família nos projetos de ES, os gestores relataram que os pais são convidados a participar de palestra ou debate que envolva a temática, além disso, é falado superficialmente na reunião de pais, no entanto, um gestor afirmou que a escola ainda não tinha envolvido a família.

Este fato mostra a dificuldade que os profissionais possuem ao inserir a ES de maneira espontânea, principalmente no que se refere à união com as famílias

embora, se faça necessário o envolvimento de diferentes setores da sociedade, sobretudo da saúde, para auxiliarem os docentes.

Neste aspecto, Malta *et al.* (2011), reforça a idéia de parcerias entre os setores educacional e da saúde em promover orientações necessárias por meio de Políticas Públicas, Programas e Projetos que priorizem a abordagem nas instituições de ensino.

Quando questionados se as escolas promovem eventos que envolvam o tema sexualidade e se os pais são convidados, os gestores G1 e G2 relataram que sim, no entanto, apenas na escola do gestor G1 a maioria dos pais participam. Mas a abordagem desse tema ainda é feita de maneira superficial, ocorrendo através de palestras e campanhas de conscientização de acordo com os dois gestores, com relação aos gestores G3 e G4, ambos afirmaram que suas escolas não promovem evento com o tema em questão.

Nesse sentindo, Martins *et al.* (2011), em um estudo parecido também obtiveram resultados similares, os autores perceberam que a família quase não tem envolvimento com escola principalmente quando o assunto é ES, e isso acontece justamente por falta de conhecimento da escola como um todo e da família que não acompanha a atuação dos filhos.

Estudos semelhantes revelam que a atuação da família é um fator preocupante, tendo em vista que os pais ainda se sente incomodados em falar sobre esse assunto, como é o caso do trabalho realizado por Gonçalves *et al.* (2013), os quais fizeram uma abordagem sobre os impasses no desenvolvimento da ES por parte de pais e educadores, ao final do estudo, os autores constataram que a grande barreira enfrentada pela escola ao colocar a sexualidade em dialógo com a famíla está relacionada ao desconforto que os pais sentem em conversar sobre o tema.

4.2 Visão dos professores sobre a Educação Sexual

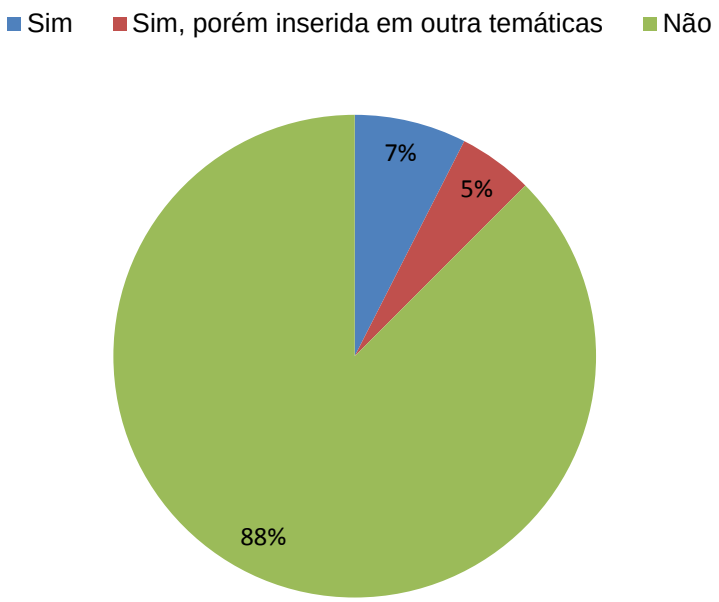
Os professores apresentaram entre 22 a 61 anos de idade, cujo tempo de profissão na instituição variou de um mês a trinta e dois anos. Quando questionados se há formação continuada relacionada a Educação Sexual, 88% dos professores responderam que não, 7% responderam que sim e 5% responderam que sim, porém inserida em outra temática (Figura 1) .

A escola precisa desenvolver um trabalho sistemático sobre a ES, no qual todos os professores tenham acesso a uma formação para que assim seja possível

trabalhar a interdisciplinaridade do tema nas aulas, sem que haja dificuldades (COSTA *et al.,* 2018).

Figura 1. Curso de formação continuada relacionada com a Educação Sexual

.



Fonte: elaborado pelo próprio autor (2019).

Com relação aos professores se considerarem informados sobre sexualidade, 19 responderam que sim, 19 relataram que um pouco e 2 afirmaram que não. Quanto ao nível de conhecimento sobre essa temática a maioria respondeu que era mediano.

Este resultado é bastante importante, tendo em vista que apesar dos tabus, e dificuldades, reconhecem que poucos sabem ou até mesmo poucos são os professores que vêem sentido de abordar o tema de forma interdisciplinar e daí se encontra a falta de interesse constatada.

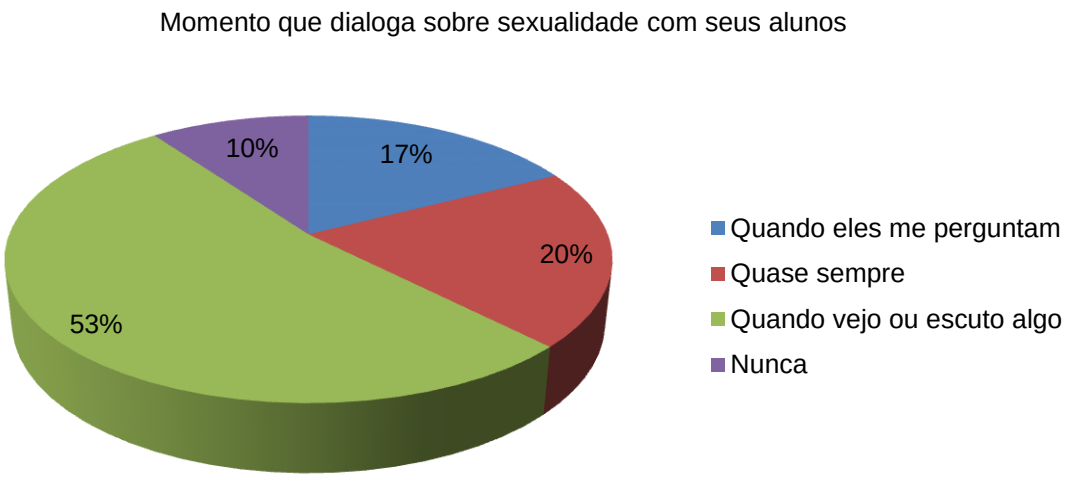
Diante deste fato, Nothaft *et al.* (2014), em um estudo semelhante no qual participaram vinte e três professores de uma escola pública, perceberam que os mesmos não tinham conhecimento suficiente para trabalhar a sexualidade de maneira transversal, deixando o debate sobre esse tema a cargo dos professores de Ciências e Biologia.

Sobre este fato, os PCN´s propõe que, para dialogar sobre sexualidade, o professor precisa ter acesso a uma formação específica, de tal forma que, o mesmo possa realizar intervenções práticas com seus alunos (BRASIL, 1998).

Conforme a figura 2, foi observado que 53% dos professores das escolas pesquisadas, só dialoga sobre sexualidade quando vêem ou escutam algo, 17% quando os alunos perguntam, 20% quase sempre e 10% nunca.

A sexualidade apesar de está ganhando seu espaço na sociedade, ainda é considerada um tema bastante delicado como pauta de discussão, pois conforme relata o estudo de Gonçalves *et al.* (2013), alguns professores preferem dialogar sobre o assunto apenas quando surge uma necessidade.

Figura 2. Percepção dos Professores sobre a Educação Sexual.

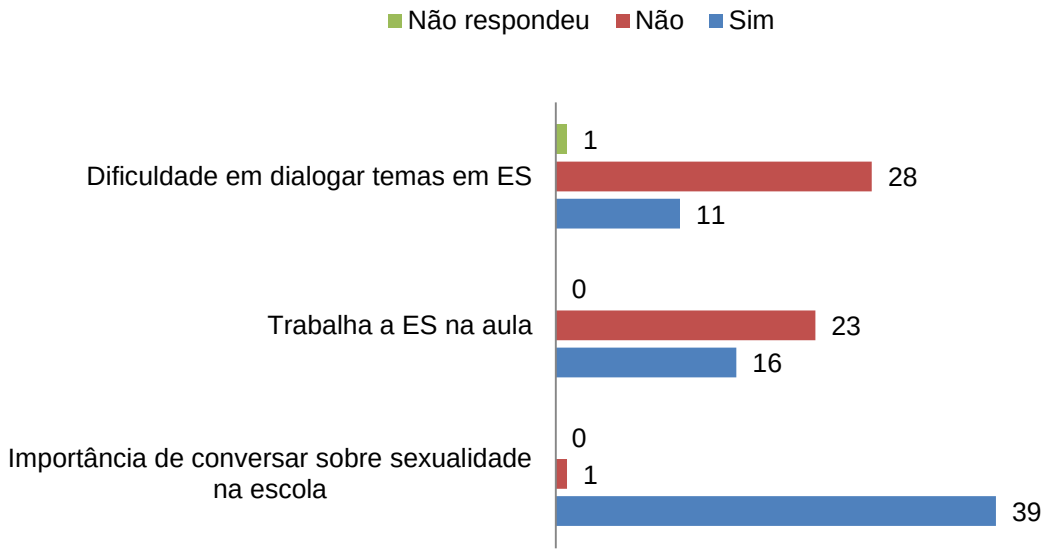


Fonte: Elaborado pelo próprio auto (2019).

Na figura 3, percebe-se que 39 professores consideram importante conversar sobre sexualidade na escola. Mais da metade não trabalham o tema em suas aulas, entretanto, mesmo não trabalhando de maneira direta, a maioria respondeu que não sentem dificuldade em dialogar sobre o assunto.

Este resultado leva para uma interpretação de que os professores não abordam a ES em suas aulas por falta de conhecimento, refletindo numa insegurança ao discutir temas dessa natureza em sala de aula, entre outras questões já levantadas no presente trabalho.

Figura 3. Percepção dos Professores sobre Educação Sexual.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2019).

Quando questionados sobre os temas mais importantes no trabalho com a ES nas escolas, trinta e dois professores responderam que prevenção as infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, higiene pessoal e métodos contraceptivos, apenas oito professores citaram temas mais complexos como sexualidade, diversidade sexual, gênero, violência sexual, orientação sexual.

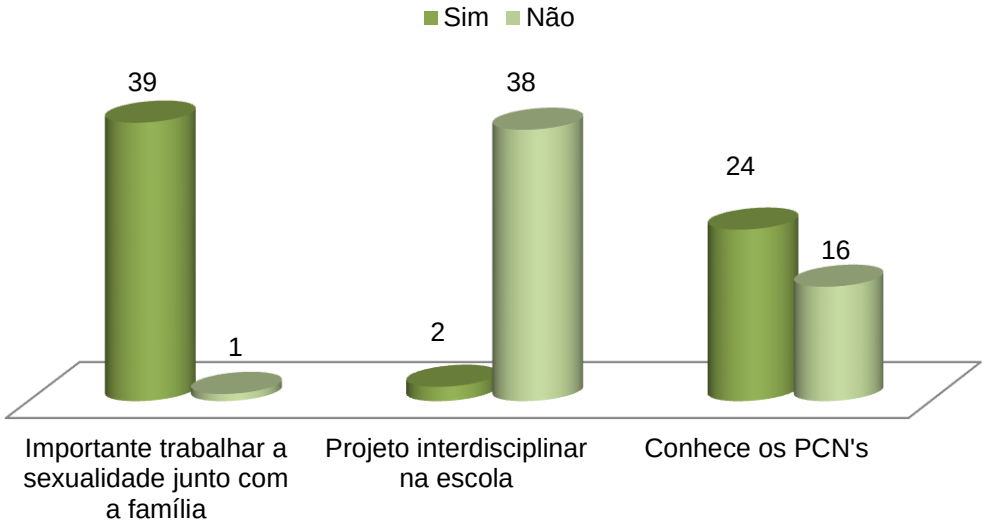
É interessante identificar que de certa maneira, os professores no geral elencaram variados temas dentro do eixo Educação Sexual, mesmo que a maioria mostre uma visão limitada e pouco interesse em ressignificar o assunto na sua prática em sala de aula. No entanto, a complexidade que circunda tal tema exige uma interdisciplinaridade, o que não é visualizada nas escolas, fazendo com que adolescentes busquem informações de maneira informal e na maioria das vezes inadequadamente (ROSSAROLLA *et al.*, 2018).

A respeito da importância de trabalhar a sexualidade junto a família, apenas um professor respondeu que não, 39 responderam que sim, justificando que a família deve dar o primeiro passo para orientar e tirar dúvidas dos filhos, mas para que isso aconteça, os pais precisam de informação e o ambiente mais apropriado para que isso aconteça, é a escola (Figura 4).

Conforme Nery *et al.* (2015), para que a sexualidade seja trabalhada junto a família se faz necessário, que os pais saibam seu significado e sua complexidade, pois somente assim, esse tema poderá ser abordado conforme a realidade cultural, social e religiosa de cada um.

A sexualidade é um processo contínuo de aprendizagem e descobertas para os adolescentes, estando relacionada com vários aspectos da vida, fato este que coloca a família como parte essencial no repasse dos valores sociais que ajudarão os jovens a lidar com a compreensão e construção de sua sexualidade (RESSEL *et al.,* 2011).

Figura 4. Percepção dos Professores sobre a Educação Sexual.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor 2019.

Dos quarenta professores interrogados sobre a atuação dos mesmos em projetos na escola envolvendo temas transversais, em especial a “Educação Sexual”, apenas dois professores relataram estarem inseridos. No entanto, durante a entrevista com os gestores, todos responderam que as escolas não tinham projetos voltados para essa temática, demonstrando assim uma contradição entre professores e gestores.

Outro ponto interessante de destacar é que mais da metade dos professores afirmaram conhecer os Parâmetros Curriculares Nacionais, principalmente o trecho que destaca a Educação Sexual como possibilidades de ser abordado na escola, entretanto, apesar de conhecer, os professores preferem não abordar alguns temas proposto no documento (Figura 4).

Com relação a este fato, percebe-se uma dificuldade por parte dos professores e da gestão das escolas que participaram da pesquisa em trabalhar a ES principalmente o tema sexualidade, diante desse resultado, faz-se necessário que

essas instituições de ensino desenvolvam intervenções de ação crítica e educativa sobre a Educação Sexual.

Nesse sentindo, os temas relacionados com essa temática precisam ser vistos como algo normal, que podem e devem ser discultidos no dia-a-dia de maneira natural com crianças e adolescentes para que os mesmos no futuro não tenham dificuldades em se expressar (ROSSAROLLA *et al.,* 2018).

5 CONCLUSÃO

A partir deste estudo, foi possível constatar que tanto o gestor quanto os professores das escolas públicas de Barreiras-BA, apresentaram um conhecimento superficial sobre a Educação Sexual, alegando que a temática deve ser trabalhada exclusivamente nas aulas de Ciências e Biologia. Necessitando assim de uma formação continuada que os levem a desenvolver estratégias para o trabalho com a sexualidade.

É importante ressaltar que se os cursos de licenciatura disponibilizassem em sua grade curricular disciplinas que trouxessem esse tipo de assunto, certamente os professores não teriam tanta dificuldade em abordá-lo em sala de aula e passariam a enxergá-lo não apenas como componente das Ciências Biológicas, mas sim do conhecimento geral e relevante que a sociedade necessita. Nesse sentido, cabe ao governo promover capacitações para os profissionais da educação e saúde, de modo que sensibilize-os e oriente-os a desenvolver ações em parceria também com a família.

Através da pesquisa foi possivel observar o quanto se faz necessário que se tenha mais trabalhos com foco na percepções dos estudantes dos cursos de licenciatura sobre temas considerados complexos relacionados com a ES, para que, assim, esses alunos possam identificar suas dificuldades diante desse assunto e procurem adquirir informações sobre esses temas durante a graduação.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. B. C. de; DEVIDE, F. P. “Gênero” e “sexualidade” na formação em educação física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do rio de janeiro. **Arquivos em Movimento**, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019.

ALTMANN, H. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 175-200, 2013.

BEZERRA, A. L. O; RODRIGUES; M. J. A. de. A; SANTOS, M. I. L. de. J. Educação sexual. Intervenção em saúde escolar. **Revista Sinais Vitais**, v. 2, p. 04, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 2/2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF: CNE, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** orientação sexual. Brasília, DF, 1998.

COSTA, D. W. S; SILVA, C. A. S. “Que palhaçada é essa?”: um relato sobre sexualidade no Ensino de ciências. **Revista Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, p. 96-101, 2017.

COSTA, M. A. *et al.* Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 4, n. 1, p. 123-132, 2014.

COSTA, P. C.F.; VILLANI, A.C.C, ÉDINA, F. Adesão das escolas à educação sexual: uma metodologia de análise. **REEC: Revista electrónica de enseñanza de lasciencias**, v. 17, n. 2, p. 337-358, 2018.

FERNANDES, F.; LORENZETTI, L. A Educação Sexual nos anos iniciais: um estudo a partir de dissertações e teses. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 12, n. 1, 2019.

FIGUEIREDO, R. *et al.* Adoção de orientações visando à prevenção da violência contra escolares: uma ação conjunta entre a saúde e a educação. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso)**, v. 14, n. 3, p. 335-343, 2013.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

GONÇALVES, R. C.; PAES, D. C.; FAVORITO, A. P. Educação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental: O que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer?. **Multi-ScienceJournal**, v. 1, n. 3, p. 69-78, 2015.

HOLANDA, M. L. de. *et al.* O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 4, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/barreiras/panorama-> Acesso em: 01 de outubro de 2019.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: Princípios para ação. **doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MAIA, A. C. B. *et al.* Projeto de intervenção em educação sexual com Educadoras e alunos de uma pré-escola. **Revista Ciência em Extensão**, v. 7, n. 2, p. 115-129, 2011.

MALTA, D.C. *et al.* Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, p. 147-156, 2011.

MARTINS, C. B. de. G. *et al.* Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 573-578, 2011.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

MATOS, M. G. de. *et al.* Educação sexual em Portugal: legislação e avaliação da implementação nas escolas. **Psicologia, saúde & doenças**, v. 15, n. 2, p. 335-355, 2014.

MARIN, Y. A. O. Percepções de professores de química em formação, sobre assuntos de gênero e sexualidade e as possibilidades de abordá-los no ensino de química. **ScientiaNaturalis**, v. 1, n. 2, 2019.

NASCIMENTO, M. G.; XAVIER, P. F.;SÁ, R. D. P. de. Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social. **Adolescencia e Saude**, v. 8, n. 4, p. 41-47, 2011.

NERY, I. S. *et al.* Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.

NOTHAFT, S. C. dos. S. *et al.* Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 284-294, 2014.

OLIVEIRA, R. R. de.; BRANCALEONI, A. P. L.; SOUZA, T. N. de. Formação de professores para o trabalho com o tema sexualidade no cotidiano escolar. **Góndola,enseñanza y aprendizaje de lasciencias**, p. 34-48, 2013.

POCAHY, F. A. l.; DORNELLES, P. G. Problematizando gênero e sexualidade em interlocução com educadoras. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 127-150, 2019.

QUIRINO, G.; ROCHA, J. B. T. da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, v. 28, n. 43, p. 205-224, 2012.

RAMIRO, L. *et al.* Educação Sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. **Saúde pública**, 2011.

RESSEL, L. B. *et al.* A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 15, n. 2, p. 245-250, 2011.

ROHDEN, F. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 157-174, 2013.

ROSSAROLLA, J. N. *et al.* A formação de educadores sexuais na licenciatura em ciências biológicas do IFRO – campus colorado do oeste/RO.**RIAEE** – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 13, n. 1, p. 175-189, 2018.

RUFINO, C. B. *et al*. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 983-91, 2013.

SÁ-SILVA, J. R.; SILVA, R. J. P. da. Infância, educação infantil e educação sexual: uma análise a partir dos estudos culturais em educação. **Revista Diversidade e Educação**, v. 6, n. 2, p. 109-121, Jul./Dez. 2018.

SILVA, B. O. da. Espaços educativos: como falar de sexualidades na sala de aula?.**Rev. Diversidade e Educação**, v.2, n.3, p. 39-43, 2014.

SILVA, D. R. Q. da. Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. **Revista de EstudiosSociales**, n. 57, p. 78-88, 2016.

SOUZA, A. D. F. de; ANDRADE, L. O. De. Espaço escolar: o professor frente a situação de violência. **Revista científica eletrônica de pedagogia da faef**, n . 32, 2019.

SIMÕES, M. C. *et al.* Abordagem sobre sexo e sexualidade no contexto familiar do município de salvaterra, ilha de marajó, pará. **Educação Ambiental em Ação**, v. 67, 2019.

APÊNDICES

Apêndice I

A ENTREVISTA COM A GESTÃO

1. Há quanto tempo está na gestão da escola?
   ---
2. Qual sua formação acadêmica----------?

3. O tema Educação Sexual já foi ou está sendo trabalhado na escola, de que maneira?
   ---
4. A escola possui projetos voltados para Educação Sexual?

   A. Sim. Qual? (*Inserir nome do projeto aqui*)
   B. Não

   ---

5. A escola possui o PPP (Projeto Político Pedagógico)?

   A. Sim
   B. Não

6. Como a Educação Sexual está inserida no PPP (Projeto Político Pedagógico)?
   A. Palestras
   B. Oficinas
   C. Inserida para ser trabalhada em aula
   D. Não está inserida

7. Qual seu pensamento em relação á sexualidade atualmente? E quais níveis de ensino você acha interessante trabalhar o tema?
   ---
8. Como a escola contribui para prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada?
   A. Debates
   B. Palestras
   C. Campanhas de prevenção
   D. Outros

9. Como que a escola auxilia o professor no trabalho com a Educação Sexual?

   A. Trabalhando em parceria com a secretaria de saúde do município;
   B. Capacitação ou treinamento para trabalhar a temática
   C. A escola auxilia apenas com Materiais didáticos/ sala de vídeo
   D. Outras maneiras. Quais?*(*relatar que outras maneiras*)*

10. A escola envolve a família nos projetos de educação sexual? Como ocorre esse envolvimento?

A. Reuniões para discutir a temática
B. Apenas na reunião de pais é falado superficialmente quando necessário.
C. Convidam os pais para participar de alguma Palestra, debate.
D. Ainda não envolvemos a família.

11. A escola promove eventos que envolvam o tema sexualidade, os pais são convidados a participar?

A. Sim, mas raramente comparecem
B. Sim, a maioria participa
C. Não

12. Caso tenha feito, como foi á intervenção?

A. Palestras
B. Panfletagem
C. Campanhas de conscientização
D.Oficinas

Apêndice II

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1. Qual sua idade ----------?

2. Quanto tempo de profissão na escola ----------?

3. Qual sua formação acadêmica----------?

4. Você tem algum curso de formação continuada relacionada com a Educação Sexual?

A. Sim

B. Sim, porém a Educação Sexual estava inserida com outras temáticas, não era o foco principal

C. Não

5. Você se considera uma pessoa informada sobre sexualidade?

A. Sim

B. um pouco

C. Não

6. Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, indique seu nível de conhecimento a respeito a essa temática?

A. Pouco

B. Médio

C. Avançado

7. Em qual momento você dialoga sobre sexo/sexualidade com seus alunos?

A. Quando eles me perguntam

B. Quase sempre

C. Quando vejo ou escuto algo

D. Nunca

8. É importante conversar sobre sexualidade no ambiente escolar?

A. Sim

B. Não

9. Você trabalha a Educação Sexual na sua aula?

A. Sim

B. Não

10. Caso a resposta anterior tenha sido afirmativa, como é sua intervenção no trabalho de Educação Sexual nas suas aulas?

11. Em sua opinião, quais os temas mais importantes no trabalho de Educação Sexual na Escola?

12. Você sente dificuldade em dialogar sobre os temas relacionados com a Educação Sexual?

A. Sim

B. Não

13. Você considera importante trabalhar a sexualidade junto com a família?

A. Sim, por que?

B. Não, por que?

14. Você esta inserido em algum projeto da escola que auxilie no trabalho com a Educação Sexual?

A. Sim

B. Não

15. Você conhece os Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto a Educação Sexual na escola?

A. Sim

B. Não

ANEXOS

Anexo I

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IX
COLEGIADO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO NO466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
Documento de Identidade n°: _____ Sexo: F ( ) M ( )
Endereço: _____Complemento:_____
Bairro: _____ Cidade: __ Telefone: ( ) /( ) ___ /

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:
TÍTULO DA PESQUISA: PERCEPÇÃO DE GESTORES E PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BARREIRAS-BA
PESQUISADOR(ES) RESPONSÁVÉIS: Me.Núbia da Silva, **Cargo/Função:**Docente; Ana Paula Oliveira Maia (Graduanda no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNEB)
III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: PERCEPÇÃO DE GESTORES E PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BARREIRAS-BA**,** cuja pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da Aluna Ana Paula Oliveira Maia, e está sob orientação da Prof. Me. Núbia da Silva**,** docente da Universidade do Estado da Bahia. A pesquisa tem como objetivo: Analisar o nível de envolvimento da Gestão escolar sobre Educação Sexual, bem como, identificar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos professores da rede pública com relação ao tema.

Sabe-se que a sexualidade muitas vezes é considerada um tabu, e isso acontece pela falta de preparo ou instrução dos pais frente ao tema. Desse modo, uma pesquisa que faça uma abordagem estratégica sobre a forma de como está sendo dialogado o tema sexualidade na escola, poderá contribuir para uma sensibilização e reflexão da

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : http http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil

sexualidade dos adolescentes, ampliando o desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar, bem como, o fortalecimento da construção de uma postura profissional e consciente do educador. Tais informações servirão de base para futuros trabalhos neste contexto, possibilitando um melhor direcionamento para os diálogos sobre os temas relacionados à sexualidade. Caso o senhor (a) aceite participar, será realizada uma entrevista com base num questionário específico para o Gestor; como também será aplicado um questionário para os professores. Esta pesquisa não apresenta qualquer tipo de risco físico à integridade da saúde e da moral dos participantes, caso sinta-se desconfortável em qualquer das etapas do trabalho, o senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pelas pesquisadoras e o Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa.O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: *|Núbia da Silva,

E-mail:nubiaetnobio@gmail.com**; Telefone:** (77) 991307110.

*Ana Paula Oliveira Maia, **E-mail:**paula.uneb95@gmail.com; Telefone: (74) 988586692

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1° andar-Cabula, Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br. **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:**SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : http http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa PERCEPÇÃO DE GESTORES E PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BARREIRAS-BA e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra via a mim.

_____, _____ de _____ de _____

_____

Assinatura do participante da pesquisa

_____ _____

Assinatura do pesquisador discente (Orientando)

Assinatura do professor responsável (Orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : http http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil

Anexo II

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IX
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Carta-Convite

Ao Gestor responsável por esta unidade escolar no município de Barreiras- BA,

Venho por meio desta, solicitar sua participação no Projeto intitulado: Percepção de gestores e professores do ensino básico sobre educação sexual nas escolas públicas de Barreiras-BA, cujo trabalho de conclusão de curso vem sendo desenvolvido pela Graduanda Ana Paula Oliveira Maia, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, sob a orientação da Professora MSc. Núbia da Silva, contamos desde já com a sua colaboração em nos fornecer informações a respeito dessa temática e possibilitar o desenvolvimento deste projeto tão importante para o nosso município.

_____

Núbia da Silva

(Orientadora do Projeto)

_____

Assinatura da Direção ou responsável

Anexo III

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IX
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Carta-Convite

Aos professores desta unidade escolar no município de Barreiras- BA,

Venho por meio desta, solicitar sua participação no Projeto intitulado: Percepção de gestores e professores do ensino básico sobre educação sexual nas escolas públicas de Barreiras-BA, cujo trabalho de conclusão de curso vem sendo desenvolvido pela Graduanda Ana Paula Oliveira Maia, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, sob a orientação da Professora MSc. Núbia da Silva, contamos desde já com a sua colaboração em nos fornecer informações a respeito dessa temática e possibilitar o desenvolvimento deste projeto, tão importante para o nosso município.

_____

Núbia da Silva
(Orientadora do Projeto)

_____

Assinatura do responsável